

**IVAN  
CANKAR**

**A JUSTIÇA  
DE YERNEY**



cavalo de ferro

Vou contar-vos esta história tal como aconteceu, com toda a sua injustiça e com toda a sua enorme tristeza. Não encontrareis nela frases bem elaboradas, nem ficções, nem hipocrisia.

\*\*\*

Estupefacto, o povo de Betajnova curvou a cabeça, apavorado: uma sombra misteriosa, como um fantasma negro, surgiu na encosta e estendeu-se pelo vale; a cabeça era uma nuvem negra; os pés, os imensos choupos do vale, enquanto uma foice brilhante, apoiada no seu ombro, era vista ao longe, até Ljubljana.

## I

O velho Sitar tinha acabado de ser enterrado. Deus o tenha em descanso! Era um fidalgo! Os sinos pararam de tocar; o padre tirara os paramentos funerários e o cortejo fúnebre dirigiu-se para a estalagem. Lá em Sterzhinar's, sentaram-se à volta da mesa comprida, envoltos em luto, sérios e pensativos, as mulheres com sinais de lágrimas nos olhos. O feitor Bartholomew, alto, velho e grisalho, sentou-se no banco junto à janela; limpou a testa com o seu lenço vermelho e suspirou:

– Todos temos de partir; eu serei o próximo.

A seguir foi a vez do filho de Sitar:

– Ah, bom, Yerney, estás aí sentado, confortável e confiante, como se fosses o patrão. Quem é o herdeiro: tu ou eu? Foste o primeiro a falar, apesar de não estares em primeiro lugar.

Yerney sorriu e olhou, bem-humorado, para o jovem.

– Foste sempre trocista, Tony, e ainda estás a brincar comigo. É bom que não cedas à mágoa: as lágrimas são para as mulheres; e o vinho, para os homens.

Encheu um copo de vinho e levou-o à boca, mas ninguém o acompanhou.

Antes que lhe tivesse tocado os lábios, Yerney afastou o copo e pô-lo em cima da mesa. Boquiaberto, olhou para o patrão, para a sua família e apenas viu rostos sombrios.

– Bom! O que é que se passa?

Não houve olhos nem lábios que lhe respondessem, e Yerney sentiu algo frio e pesado assaltar-lhe o coração.

– Que se passa? Será que me acho no meio de ciganos ou marchantes que me olham sem dizer palavra? Será que estou no meio de familiares ou de patifes congregando para me armarem uma cilada?

– Feitor – respondeu Sitar –, não nos chames esses nomes! Estás bêbedo ainda antes de beberes.

Yerney voltou-se três vezes, olhando os rostos um a um; depois pegou no copo e vazou o vinho para dentro da garrafa; vazou-o lenta e vagorosamente, pois a mão tremia-lhe. Ergueu e descobriu a cabeça segurando o chapéu com ambas as mãos. Estando de pé atrás da mesa, apesar de dobrado, parecia alto: tão alto que o seu cabelo grisalho quase tocava as vigas enegrecidas do tecto; aí ficou, o rosto enrugado e queimado do sol, mal barbeado, os olhos claros e brilhantes por baixo das espessas sobranceiras.

– Não é agradável, patrão, da vossa parte, nem da vossa, meus amigos, que sois da sua família, não me oferecerem uma gota de vinho no funeral. Deus abençoe o repasto que estais prestes a partilhar. Não vos invejo. Se essa é uma nova regra, eu acatá-la-ei: pão para os novos, pedras para os idosos, peixes para osãos, cobras para os doentes, ovos para os hábeis, e para os incómodos escorpiões... O criado não deve deitar abaixo aquilo que o patrão construiu.

O jovem Sitar – de génio irascível – corou de raiva.

– Não precisamos dos teus sermões, Yerney – disse ele. – Se não queres vinho, bem: Que Deus te acompanhe!

– Estás a ficar presunçoso, Yerney, patrão do teu patrão – disse a esposa.

– Algo vai mal na casa em que o criado se senta ao canto da lareira e esfrega os canos das botas nas costas do patrão – disse a sogra de Sitar.

– Dar-vos-eis conta de que rapidamente a carroça começa a andar para trás, quando o patrão a puxa, se o criado segura as rédeas – acrescentou o seu cunhado.

– A quinta caminha para a ruína quando o patrão labuta enquanto o feitor desperdiça o tempo à sombra – interpôs um vizinho.

E quando terminaram o discurso, Yerney curvou a cabeça uma vez mais.

– Haveis falado sabiamente, e não há injustiça nas vossas palavras. Deus abençoe a vossa refeição e me conceda a consciência tranquila e uma vida sem pecado. – Assim falou Yerney, o feitor... E dito isto cuspiu na soleira da porta e saiu.

## II

Foi pelos campos fora, seguindo um caminho que serpenteava ao lado de um ribeiro parcialmente seco, cujas águas desapareciam em toda a extensão na areia branca. Era um dia de Maio, tranquilo e cálido, mas, ao longe, para além das montanhas verdes, estava a preparar-se uma tempestade antecipada. Nos prados, nos campos, tudo estava em silêncio; a natureza parecia recear o desastre e suste a respiração.

Quando Yerney olhou à distância, ao fundo da ladeira, a casa branca com as portadas verdes, o telheiro, o celeiro, o silo, o seu coração ficou desalentado. Não havia um punhado de terra que não tivesse as marcas da labuta das suas mãos, do suor da sua fronte. Um homem vive um ano, dez anos, quarenta anos numa casa e nota que a casa se torna semelhante a ele como um irmão, e existe um laço de amor entre eles. E se, em obediência a uma ordem cruel, ele é obrigado a ir para um local distante, vai chorar mais por aquela casa do que por um irmão, ou ainda mais do que chorou noutra tempo pela sua mãe.

Pareceu a Yerney que nesse dia aquelas janelas verdes não acenavam tão convidativamente como era habitual e que sobre a casa, sobre toda esta casa branca se espalhava o lamento silencioso da viuvez.

O lamento é como uma semente que produz mil vezes mais. Logo que cai sobre o coração multiplica-se tão rapidamente que este fica

sufocado, tão sufocado que a esperança não pode irromper. E o coração de Yerney, apesar de ferido há apenas pouco tempo, ficou desalentado, muito desalentado, profundamente triste.

O que fizeste, Patrão, com as tuas palavras ásperas, o que fizeste ao velhote? Porque te empenhaste em o humilhar, em o atormentar na sua velhice, ele que nunca conhecera a mágoa, nem na Primavera da vida, nem anteriormente ou na idade adulta?

Yerney não entrou na casa; não olhou para os campos, foi para o palheiro e atirou-se para cima do feno. E começou a pensar como antes nunca tinha pensado.

«Já aqui cheguei há quase quarenta anos; sim! Foi há quarenta anos que entrei por aquela porta. Era então uma habitação pobre e miserável, da qual tanto se envergonhava o patrão como o criado. Mas com o suor do nosso rosto construímos uma casa de que os homens se orgulham e onde as mulheres se regozijam. Quem a construiu? Estão todos mortos: gastos. Só resto eu. Eu, o último mestre. Da nossa casa contemplam-se campos extensos e férteis. Quem tem cultivado esses campos imensos? Quem os desbravou? Já partiram todos. Só resto eu. Eu, o último lavrador, o último ceifeiro. Que estranho! Durante quarenta anos, a macieira, a beleza do jardim e o orgulho do patrão produziu frutos... Então chega um desconhecido, que gostaria de arrancá-la pela raiz e plantá-la de novo nas pedras. Que estranho! Um homem mourejou durante quarenta anos para construir uma casa; com o seu suor enriqueceram-se campos e prados; não obstante, quando a casa é construída, quando os campos e as pastagens estão férteis, aparece um desconhecido – de onde vem ele? – e diz: “Tu não mandas aqui nada”, e persegue-o até ao celeiro, enquanto ele próprio se senta ao canto da lareira a encher o cachimbo.»

O pensamento de Yerney corria deste modo... Levantou-se, com a mão escovou o lixo do casaco domingueiro e foi para casa. Quando

lá chegou tirou o casaco e, subindo para o fogão, começou a encher o cachimbo. A sua tristeza tinha subitamente desaparecido; sorriu e os seus olhos pestanejaram debaixo das espessas sobranceiras.

Entrou a empregada.

– Bom, Yerney, estás aí descansado; lá fora ainda é pleno dia, toda a gente anda nos campos, e tu... tu estás tranquilamente sentado em cima do fogão!

Yerney tirou o cachimbo da boca e ergueu as sobranceiras.

– Põe-te a andar, rapariga! Em quem pensas que estás a mandar? A rapariga foi-se embora e bateu com a porta à saída.

«O que é que se passa com ela?», perguntou Yerney a si próprio.

À tardinha, quando já estava a escurecer, a porta abriu-se de par em par e Sitar apareceu na soleira da porta, com um andar vacilante e o chapéu descaído sobre uma orelha. Yerney olhou para ele sem benevolência.

– Quem está aí? – perguntou Sitar.

Yerney não respondeu.

– Quem chegou? – perguntou de novo Sitar.

Yerney retirou vagarosamente o cachimbo da boca e riu.

– Bom, bebeste demasiado no funeral do teu pai. Vai deitar-te.

Sitar entrou no aposento com um passo tão firme que o chão tremeu debaixo dele.

– Quem estás a mandar deitar, feitor? Quem está bêbedo?

Yerney não se moveu; continuou a falar calmamente como se estivessem a falar de cereais.

– Tu. Disse-te para ires, porque estás bêbedo.

Sitar ficou em silêncio por uns instantes, mas depois dilataram-se-lhes as veias da fronte, lançou o chapéu ao chão e gritou.

– Nem mais uma palavra, feitor! Não enterrei hoje um patrão, mas dois. Desce!



Yerney riu e começou a descer do fogão; não estava com pressa.

– Vais ou não vais descer?

– Desculpa estes ossos velhos, Tony; logo chega a tua vez de ficares a descansar no canto da lareira, meu amigo – disse Yerney, rindo.

Vacilante e aos tropeços, Sitar aproximou-se, subiu para o fogão e sentou-se; depois olhou por cima do ombro e inclinando-se para trás em direcção a Yerney, gritou:

– Descalça-me as botas!

Yerney não respondeu. Sentado no banco, voltava a acender o cachimbo que se apagara.

– Faz o que te digo, descalça-me as botas!

– Bom, ainda não chega de brincadeira? – disse Yerney, calmamente. – Ainda cheira a morte neste quarto; esta tarde teria sido melhor que te tivesses ajoelhado e rezado.

E foi ajoelhar-se diante do crucifixo. O patrão olhou para ele sombriamente. Sitar acendeu o cachimbo e cuspiu de um lado ao outro do quarto, mas não pronunciou palavra enquanto Yerney rezava. Quando ele se levantou, com os olhos perturbados, e se agarrou à maçaneta da porta como que para sair, Sitar gritou:

– Yerney!

Yerney deteve-se.

– Tenho de dizer-te, Yerney – começou Sitar com rapidez, com o cachimbo a tremer na mão. – Tenho de dizer-te: procura outro patrão.

Um sorriso rasgado iluminou a face de Yerney e os seus olhos tinham um brilho jovial.

– O quê?

Sitar deu um pontapé com a bota no banco.

– Estás surdo, feitor? Procura outro patrão, já te disse. Tens andado a fazer de patrão em minha casa; pára de mandar em minha casa!

Nesse preciso momento, um relâmpago rasgou o céu e foi ouvido ao longe um trovão; Yerney descobriu a cabeça e fez o sinal da cruz.

– Deus nos defenda do mal! Cautela com o pecado, jovem; encomenda-te a Deus e ao teu santo protector. – Abriu a porta e foi para o palheiro; deitou-se em cima da palha e adormeceu rapidamente, sem mágoa no coração.

Yerney é um homem simples, que dedicou a sua vida a duas coisas apenas: ao trabalho e a Deus. Enquanto feitor na herdade dos Sitar, numa pequena aldeia na Eslovénia, lavrou os campos, plantou as sementeiras e construiu a casa dos senhores com as suas próprias mãos. Contudo, já idoso e cansado, todo o seu esforço e a promessa de um merecido repouso são-lhe repentinamente negados. Começa assim a busca obsessiva de Yerney por justiça, uma longa odisseia que o levará a encontrar-se com juízes, sábios e padres e a viajar até Ljubljana e Viena, onde vive o próprio Imperador, nunca desistindo de contrapor o seu ideal de direito e justiça à arbitrariedade das leis dos poderosos.

Publicado em vésperas da derrocada do Império Austro-Húngaro, esta pequena obra viria a tornar-se uma das referências incontornáveis da literatura eslovena, à época emergente, versando com agudeza e sobriedade sobre alguns dos temas sociais, políticos e culturais que marcariam o século xx de todo o continente europeu.

ISBN 978-989-8864-69-7



9 789898 864697



cavalo de ferro